

Contributos da comunicação não-verbal na integração social, cultural e educativa de imigrantes numa perspetiva de multiculturalidade – um estudo de caso

Sara Vicente Caetano
saraccaetano@gmail.com

António Ricardo Mira - Universidade de Évora
arm@uevora.pt

O Homem não comunica só com as palavras, mas com todo o seu corpo.

Este trabalho visa analisar de que forma a Comunicação Não-verbal pode ou não contribuir para a integração social, cultural e educativa de imigrantes numa perspetiva de multiculturalidade.

Trata-se de um estudo de caso no qual participam onze imigrantes provenientes do leste da Europa.

Os dados foram obtidos através de entrevistas gravadas em suporte áudio, a seguir transcritas, e obtidos, também, através da observação direta registada em caderno de notas.

O trabalho conclui que há contributos positivos e contributos negativos da Comunicação Não-verbal para a integração social, cultural e educativa destes imigrantes, numa perspetiva de multiculturalidade. Os contributos negativos detetados têm que ver, fundamentalmente, com as diferenças culturais. Os mesmos são, contudo, rapidamente ultrapassados pelos imigrantes entrevistados, graças a um processo de aculturação que realizam. Desta forma, deixam de ser um obstáculo para essa sua integração.

Palavras-chave: Comunicação; Comunicação Não-verbal; Educação e Formação de Adultos; Multiculturalidade; Integração

Introdução

A Comunicação Não-Verbal Humana exerce fascínio sobre a humanidade desde os seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, as expressões faciais, as orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos, o odor e, ainda, a gestão do tempo e a organização dos objetos propriamente ditos e dos objetos sociais, no espaço. Pode ser constatada no desenho, pintura, escultura, arquitetura, literatura, teatro, cinema, dança... Está presente no nosso dia-a-dia mas, muitas vezes, não temos consciência da sua ocorrência e, nem mesmo, de como acontece.

As trocas não-verbais são de tal forma numerosas e diversas que as podemos considerar como um meio autónomo. O Homem não comunica só com as palavras, mas com todo o seu corpo, os objetos, a sua organização no espaço e no tempo – aquilo a que Hall (1994) chamou de “linguagem silenciosa”.

Embora, vulgarmente, a maior atenção seja dedicada à Comunicação Verbal, Ray Birdwhistell, citado por Davis (1979), concluiu que apenas cerca de 35% do significado social de qualquer interação corresponde às palavras propriamente ditas porque a maior parte da comunicação humana acontece de forma quase inconsciente, ao nível do não-verbal.

A Linguagem Não-Verbal é, por assim dizer, em alguns casos, um código arbitrário porque, como defende Corraze (1982), pode ser diferente de cultura para cultura. Alguns gestos, por exemplo, são compreendidos de diferentes formas nas diferentes culturas. Assim, *"a cultura esconde muito mais do que revela e, por estranho que pareça, é aos próprios participantes que ela mais efetivamente oculta os seus segredos"* (Hall, 1994, pp. 48-49). Conscientes da nossa cultura e conhecedores da cultura do outro, diríamos que um observador atento consegue ver quase tudo o que o outro esconde de forma consciente ou não. Assim, tudo aquilo que não é dito por palavras poderia ser encontrado no tom da voz – prosódia -, na expressão do rosto e na forma do gesto – cinética -, na atitude do indivíduo face ao espaço e ao tempo – proxémia e cronémia ...

No homem, a comunicação não-verbal apoia-se em três suportes. O primeiro, o corpo, nas suas qualidades físicas, fisiológicas e nos seus movimentos. O segundo, no homem, ou seja, objetos associados ao corpo como os adornos, as roupas, ou mesmo marcas ou

cicatrizes de tatuagens, por exemplo. Finalmente, o terceiro suporte respeita a dispersão dos indivíduos no espaço físico ou territorial (Corraze, 1982).

Devemos, então, entender o homem como detentor de múltiplos sentidos orientados para o acto comunicacional. Ele é um ser multissensorial que, de vez em quando, recorre às palavras para se expressar (Birdwhistell, 1970, citado por Davis, 1979).

Cinética

"O modo de se movimentar é muito mais aprendido do que inato, variando de cultura para cultura"(Davis, 1979, p. 24).

A cinética ou cinésica integra o campo dos movimentos corporais. Nenhum movimento ou expressão corporal é destituído de sentido no contexto em que se apresenta e, por conseguinte, estão sujeitos a uma análise sistemática.

Os psiquiatras já admitem há muito tempo que o modo de um indivíduo movimentar o corpo oferece pistas sobre carácter, emoções e reações àqueles que o rodeiam. (...) Os antropólogos têm analisado os diferentes idiomas culturais da linguagem do corpo e descobriram que um árabe e um inglês, um preto americano ou um branco da mesma nacionalidade não se movimentam do mesmo jeito. (Davis, 1979, p. 21).

Rosto

O rosto transmite múltiplas informações, tais como a identidade da pessoa, sua característica essencial, e ainda outras características mais superficiais, como a raça, a idade ou o sexo do indivíduo. Parece não revelar muito acerca de aspetos mais importantes do sujeito, por exemplo, a personalidade ou a inteligência (Bitti e Zani, 1997). Estes autores dão, ainda, conta de uma hipótese segundo a qual, se um indivíduo assumir, habitualmente, uma determinada expressão facial, esta deixa-lhe marcas visíveis nos músculos e na pele que passarão a ser característica expressiva e constante desse sujeito. Estes autores estarão, certamente, a referir-se à teoria de Ida Rolf (citada por Mira, 2003), que não só sustenta a validade desta teoria, que será sua, como a extrapola a todas as partes do corpo .

Olhos

O contacto visual (eye contact) regula a conversação, fornece indicações de dominância ou constitui a base para suspeitar de um mentiroso (Pease, 2006). Todos temos consciência que o olhar tem um papel preponderante nas relações interpessoais. O olhar é, deste modo, um sistema de sinalização do entendimento ou não da mensagem enviada ao recetor. A par das palavras, o movimento ocular, assim como os restantes indícios não-verbais, fornecem informações acerca do entendimento e envolvimento do outro. Ou seja, os olhos poderão trair o que as palavras dizem.

"Todas as culturas desaprovam o olhar fixo" (Davis, 1979, p.70). Na verdade, o olhar fixo é entendido como uma agressão, uma ameaça para o animal e também para o homem. Em toda a história da humanidade o chamado "mau olhado", resultante de um olhar fixo, é visto de forma depreciativa pois considera-se que é detentor de energias negativas que causam danos a quem o recebe. Também o falar em público é, por vezes e para muitas pessoas, difícil devido ao número de olhos fixos na pessoa que fala.

A todos já aconteceu ter a sensação de estar a ser observado e a "barrar" o seu comportamento devido a essa sensação incómoda porque *"de algum modo, o contacto ocular faz-nos sentir extremamente abertos, expostos e vulneráveis"* (Davis, 1979, p. 71). Mas atenção, o olhar fixo poderá também ser indício de agrado, concordância...

Tacto

O homem está em contacto com o mundo através da pele. É por ela que o homem sente o frio, o calor, a dor, a pressão. Nesta perspetiva, podemos considerar o tacto como o meio de comunicação mais inato que o homem tem ao seu dispor desde os primórdios.

O tacto varia também de acordo com o status. Aceita-se que o médico toque o seu paciente, mas o contrário não é aceitável. Compreende-se que a professora toque os seus alunos até para criar proximidade e envolvimento nas tarefas e na aula, mas o oposto não será tolerado. Admitem-se, contudo, excepções tendo em conta o sexo, os grupos etários e culturais.

A natureza do contacto e o tipo de pele poderão também ajudar ou prejudicar a relação. Ninguém gosta de receber um aperto de mão de uma mão gelada ou húmida.

O toque e a frequência com que este ocorre variam de cultura para cultura. Há culturas em que tocar-se é tabu, então, tal como o rosto, o olhar, também o toque pode desempenhar um forte papel integrador ou não de indivíduos de diferentes culturas.

Gestos

Birdwhistell (1970, citado por Davis, 1979) defende que *"não existem gestos universais. Que se saiba, não há nenhuma expressão facial, nenhuma atitude ou posição do corpo que tenha o mesmo significado em todas as sociedades"* (p.38).

Ekman e Friesen (1969, 1972, citados por Bitti & Zani, 1997) distinguiram cinco categorias de sinais não-verbais:

Os gestos simbólicos ou emblemas que *"são sinais emitidos intencionalmente que possuem um significado específico capaz de ser diretamente traduzido em palavras"* (p. 150). São exemplo disso as saudações ou despedidas, com múltiplas variações consoante a cultura.

Os gestos ilustrativos ou ilustradores que *"são todos aqueles movimentos que a maior parte dos indivíduos executa no decurso da comunicação verbal e que ilustram o que eles vão dizendo"* (p. 150).

Os gestos indicadores do estado emocional que são todos aqueles que denotam a ansiedade e a tensão emocional do sujeito. *"Um gesto típico desta categoria é o acto de estender um punho fechado em sinal de ira"* (p. 152).

Os sinais reguladores que *"são produzidos por quem fala ou por quem ouve com o objetivo de regular a sincronização das intervenções no âmbito do diálogo"* (p. 152).

Os gestos de adaptação ou adaptadores que *"representam uma maneira de satisfazer e dominar necessidades, motivações e emoções respeitantes às situações particulares em que o indivíduo pode encontrar-se"* (p. 152).

Proxémica ou Proxémia

O espaço e a distância que os homens mantêm entre si pode variar de cultura para cultura e o desconhecimento dos parâmetros do outro poderá conduzir a um verdadeiro choque cultural.

Edward Hall (2005) estudou as distâncias e o grau de proximidade entre os indivíduos. Sustenta que "*a bolha de espaço pessoal*" que nos envolve é uma espécie de barreira de protecção do espaço individual. Quando essa barreira é transposta, sentimo-nos em perigo. O cientista refere, ainda, que o grau de proximidade pode sugerir algo muito mais subtil que uma ameaça.

O espaço do sujeito é qualquer coisa de inviolável. Quando alguém ultrapassa a barreira, ainda que invisível, que nos separa dos outros, dizemos estar a acontecer uma invasão da privacidade e/ou da propriedade. Todo o animal, humano ou não, tem noção do seu espaço. Nesse local entra quem for convidado e os outros são invasores.

O espaço comunica. O espaço retrata características do sujeito que o ocupa.

Cronémica ou Cronémia

A cronémia ocupa-se do estudo do tempo e da forma como este comunica. O tempo é vivido de indivíduo para indivíduo, logo de cultura para cultura, de forma diferente. O tempo que para um indivíduo ocupado passa rapidamente e lhe é muito proveitoso, poderá para um indivíduo mais descontraído ou menos ocupado parecer uma eternidade. Se, por um lado, a todos já aconteceu a sensação de eternidade devido a um estado de ansiedade, por outro lado, certamente, já vivenciámos uma situação que acabou ainda antes de nos termos dado conta que já tinha começado. É por isso que dizemos que "*O tempo fala. Fala mais claramente do que as palavras. A mensagem que transmite surge clara e viva. Porque é manipulada menos conscientemente, está menos sujeita à distorção do que a linguagem falada. Pode clamar a verdade enquanto as palavras mentem*" (Hall, 1994, p. 19).

A gestão e o respeito do tempo nas relações interpessoais são de capital importância. Hall (1994) relembra que as diferentes partes do dia poderão ter significados também diferentes consoante as culturas.

Nos Estados Unidos, telefonar a alguém de manhã muito cedo, enquanto ele ainda está a fazer a barba ou a tomar o pequeno-almoço, indica geralmente uma questão da máxima importância e extrema urgência. Acontece o mesmo em relação às chamadas depois das onze horas da noite. Um telefonema durante a hora de dormir é normalmente encarado como uma questão de vida ou de morte (p. 20).

Paralinguagem

A paralinguagem é um conceito que se aplica às modalidades da voz (elementos prosódicos da linguagem verbal: tom, duração, intensidade, entoação, pausas...) – variações não linguísticas - que fornecem informações sobre o estado afetivo do locutor e ainda outras emissões vocais tais como o bocejo, o riso, o grito, a tosse... Camacho e Sáenz (2000, citados por Mira, 2003) "*afirmam não ser de desprezar este tipo de signos uma vez que, mais ou menos, 40% do significado daquilo que dizemos está contido em tais signos*" (p. 137).

Vestuário, adereços, objetos pessoais e cosmética.

Nos primórdios, o vestuário era tido também como proteção para o corpo. Agora, "*o vestuário já não serve para vestir o corpo. O vestuário é o corpo. O corpo, a comunicação. Logo, o vestuário é comunicação*" (Mira, 2003, p. 173). Através dele, o homem consegue conhecer o outro, a sua personalidade, os seus valores...

Knapp (1995, citado por Mira, 2003) diz-nos que o vestuário pode comunicar "*a idade, o sexo, a nacionalidade, a relação com o outro sexo, o estatuto sócio-económico, a identificação com um grupo específico, o estatuto profissional ou oficial, o humor, a personalidade, as atitudes, os interesses, os valores*" (p. 182).

Quando falamos de vestuário, podemos considerar nesta categoria as subcategorias adereços e alguns objectos pessoais que, muitas vezes, em simbiose perfeita, dele fazem parte integrante. Por isso, desempenham as mesmas funções e assumem o mesmo significado. Veja-se, por exemplo, como no vestuário, sobretudo da mulher, cintos, fivelas, alamares, bridões, colares, etc. surgem no vestuário como suas partes integrantes, já para não falar em carteiras que emergem como adorno condizente. A cosmética é mais um elemento coadjuvante, que importa realçar, em benefício da máscara do indivíduo, ajudando-o a criar, neste cenário de construção, uma imagem que lhe seja favorável às boas impressões que quer causar. Também ela se encontra intimamente ligada ao vestuário, quando o indivíduo por ela opta.

O vestuário, para além de ser uma moda, para além de ser uma marca cultural, para além de ser uma evidência de determinado status social, para além de ser um sinal de pertença ou não pertença a um grupo social, para além de ser um

indicador de um certo estilo de vida, para além de ser uma forma tentada para iludir as diferenças sócio culturais entre os indivíduos, para além de ser uma marca pessoal, para além de ser um distintivo dos dois sexos, para além de ser um ferrete profissional, para além de ser um reflexo de um maior ou menor rigor da moral individual ou da moral coletiva, para além de um código vestimentário, para além de ser uma manifestação estética de quem o cria e de, sobremaneira, de quem o usa, é, sobretudo, uma escolha do próprio indivíduo que, assim, pode transmitir, mais ou menos conscientemente, algumas das suas características pessoais, da sua personalidade, como, também, condicionar, sabendo-o ou não, de alguma maneira, a primeira impressão, e consequentes impressões, que cria nos outros com quem se encontra e/ou relaciona (Mira, 2003, p. 147).

Radicados nestes pressupostos teóricos básicos, são estes os aspetos que nos motivaram para a realização deste trabalho de pesquisa: saber decodificar signos, sinais, códigos do corpo humano que, de forma implícita e/ou explícita, podem contribuir para a interação entre os homens, proporcionando ou dificultando uma maior interculturalidade com base no conhecimento da sua própria cultura e na cultura do próximo.

Portanto, este trabalho visou estudar os contributos da Comunicação Não-Verbal Humana em contexto educativo multicultural, numa perspetiva de integração e de sucesso, em termos sociais, culturais e educativos, de uma população de imigrantes. Este estudo, concluiu, pois, como e até que ponto, a Comunicação Não-Verbal e/ou determinados signos não-verbais podem inviabilizar, dificultar ou facilitar a integração de um determinado grupo de imigrantes, num contexto educativo multicultural, específico, em Portugal.

O Estudo

Questões de investigação

Formulámos as seguintes questões para esta nossa investigação:

2.1.1 Será que a Comunicação Não-Verbal contribui efetivamente para a integração de imigrantes em contexto educativo multicultural?

2.1.1.1 Como é que a Comunicação Não-Verbal contribui efetivamente para a integração de imigrantes em contexto educativo multicultural?

2.1.2. Será que a Comunicação Não-Verbal não contribui para a integração de imigrantes em contexto educativo multicultural?

2.1.2.1 Como é que a Comunicação Não-Verbal não contribui para a integração de imigrantes em contexto educativo multicultural?

Método

Tratando-se de uma investigação de natureza qualitativa, por considerarmos ser o procedimento que melhor servia os propósitos deste nosso trabalho de investigação, este foi também descritivo e indutivo, cujo objetivo foi estudar os indivíduos no seu ambiente natural de formação, com vista a uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo. Tratou-se de um estudo de caso, na sua variante multicaseos, onde o que nos importou foram as palavras e não os resultados/números obtidos, ou seja, o significado das informações recolhidas foi de importância capital para esta investigação que não procurou generalizar resultados, ao invés, procurou particularizá-los.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), podemos circunscrever o estudo de caso a uma terminologia mais específica: a microetnografia, uma vez que esta se refere a estudos de caso realizados a unidades muito pequenas de uma organização ou atividade.

Na sua forma mais perfeita, a etnografia deve explicar o comportamento das pessoas recorrendo à descrição daquele conhecimento que estas possuem e que lhes permite comportarem-se de forma adequada, dadas as normas de senso comum nas respetivas comunidades (McDermott, 1976, citado por Bogdan & Biklen, 2006, p. 58).

A investigação etnográfica, baseada no conceito de cultura, enquanto conhecimento acumulado pelo indivíduo, do indivíduo, para a interpretação das suas experiências e adequação do seu comportamento aos diversos contextos culturais, encaixou também nos moldes deste nosso estudo.

Foi, portanto, uma investigação de carácter analítico interpretativo dado que foi pela análise e interpretação do conteúdo das informações recolhidas, através de observação direta, in loco, com auxílio do bloco de notas, de entrevistas gravadas em suporte áudio, posteriormente transcritas para suporte papel, que chegámos a conclusões.

A investigação realizou-se na Escola E.B. 2, 3 Professor João Fernando Pratas, na freguesia de Samora Correia, local onde decorreu um curso pós-laboral de

ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, destinado a imigrantes a residir em Portugal, ao abrigo do Programa “Português para Todos”. É importante realçar que, embora o referido programa se destinasse a todos os imigrantes, sem distinção de nacionalidade, naquela escola apenas imigrantes de países do Leste da Europa procuravam e frequentavam as aulas.

Os 11 adultos entrevistados eram oriundos do Leste da Europa: Bulgária, Ucrânia, Roménia, Arménia e Moldávia. A média de idades rondava os 45 anos. Emigraram para Portugal, procurando melhores condições de vida e de trabalho, ambicionando poupar algum dinheiro para regressar ao país natal e retomar a sua vida.

Sujeito da amostra	Género	Idade	País de origem	Tempo de estada em Portugal (anos)	Profissão no país de origem	Profissão em Portugal
1	F	49	Bulgária	7	Operária fabril	Auxiliar em lar de idosos
2	M	45	Ucrânia	8	Médico	Servente de pedreiro
3	F	44	Ucrânia	7	Educadora de infância	Empregada de limpeza
4	F	45	Ucrânia	4	Operária fabril	Ajudante de lar
5	M	44	Ucrânia	8	Alfaiate	Desempregado
6	M	46	Moldávia	8	Soldador	Serralheiro
7	F	40	Ucrânia	8	Operária fabril	Operária fabril
8	F	57	Ucrânia	7	Médica	Empregada interna
9	F	38	Moldávia	9	Professora - Ensino Secundário	Monitora de Artes Teatrais
10	F	32	Arménia	10	Professora Inglês	Professora Inglês
11	M	51	Roménia	11	Professor Escola Primária	Desempregado

Tabela 1 – Caracterização da amostra

A partir das perguntas da entrevista, obtivemos respostas que categorizámos para que os dados fossem tratados corretamente. Deste modo, apresentamos, no quadro seguinte, a categorização dos dados obtidos atendendo às perguntas da entrevista:

Dimensões	
Integração de imigrantes em contexto educativo multicultural	Integração de imigrantes em contexto social multicultural
Categoria 1: Contributos Positivos da Comunicação Não-verbal na integração de imigrantes em contexto educativo multicultural	Categoria 1: Contributos Positivos da Comunicação Não-verbal na integração de imigrantes em contexto social multicultural
Subcategoria 1: Gestos simbólicos ou emblemas	Subcategoria 1: Gestos simbólicos ou emblemas
Subcategoria 2: Gestos ilustrativos ou ilustradores	Subcategoria 2: Gestos ilustrativos ou ilustradores
Subcategoria 3: Gestos indicadores do estado emocional (expressões afetivas)	Subcategoria 3: Gestos indicadores do estado emocional Sub – subcategoria 1: Solidariedade portuguesa
Subcategoria 4: Diagramas	Subcategoria 4: Diagramas
Subcategoria 5: Imagens	Subcategoria 5: Imagens
	Subcategoria 6: Cronémia - Tempo dedicado às refeições
	Subcategoria 7: Aculturação do não-verbal
Integração de imigrantes em contexto educativo multicultural	Integração de imigrantes em contexto social multicultural
Categoria 2: Contributos Negativos da Comunicação Não-verbal na integração de imigrantes em contexto educativo multicultural	Categoria 2: Contributos Negativos da Comunicação Não-verbal na integração de imigrantes em contexto social multicultural
	Subcategoria 1: Diferenças Interculturais Sub – subcategoria 1: Gestos simbólicos ou emblemas Sub – subcategoria 2: Paralinguagem / Prosódia Sub – subcategoria 3: Cronémia - Tempo de espera Sub – subcategoria 4: Aspeto exterior, vestuário, adereços e objetos pessoais Sub – subcategoria 5: Cosmética

Quadro 1 – Categorização dos dados obtidos

Principais resultados

Ao tomarmos como objetivo deste trabalho, analisar de que forma a comunicação não-verbal pode ou não contribuir para a integração social, cultural e educativa de imigrantes numa perspetiva de multiculturalidade, impôs-se a análise de duas dimensões do problema que nos forneceram dados bastante proveitosos à investigação e suas conclusões. Essas dimensões foram o contexto educativo, pois que, afinal, a nossa investigação se inscreveu no âmbito da Educação e Formação de Adultos, e o contexto social, porque nem só nas aulas de ensino/aprendizagem da língua portuguesa o imigrante interage com os outros indivíduos, relacionando-se e comunicando.

Buscando respostas para as nossas questões de investigação, procurámos, portanto, analisar os contributos – positivos e negativos - da comunicação não-verbal na integração de imigrantes adultos em contexto social, cultural e educativo numa perspetiva de multiculturalidade, como dissemos, e tentámos perceber de que modo é que esse tipo de comunicação pode ou não contribuir para essa sua mesma integração.

Apoiados em pressupostos teóricos que defendem que a comunicação não-verbal envolve um tipo de linguagem da qual o sujeito raramente tem consciência, podendo facilitar ou dificultar a sua socialização, procurámos conhecer a opinião dos investigados da amostra, imigrantes oriundos do Leste da Europa, sobretudo sobre esta última parte da questão.

Os onze imigrantes que protagonizaram o estudo manifestaram ter uma ideia consideravelmente positiva relativamente aos contributos que a comunicação não-verbal pode dar à sua integração sociocultural e educativa. Quando esse contributo é por eles sentido como negativo, referem mesmo a existência de um processo de aculturação de aspetos da comunicação não-verbal, também da cultura portuguesa, que levam a cabo, visando facilitar a sua própria integração nos âmbitos atrás mencionados.

Dos resultados apurados, constatámos que, tanto no contexto educativo como no contexto social, diagramas e imagens são expedientes de natureza não-verbal que funcionam como contributos positivos na sua integração como imigrantes. São elementos da comunicação não-verbal que proporcionam a integração dos imigrantes, potenciando a facilidade de entendimento entre os sujeitos em presença.

Os ilustradores revelaram-se como contributos positivos, também com privilégio, na comunicação não-verbal. Estes gestos acompanham a fala, acrescentando informações, esclarecendo o outro, ilustrando a mensagem.

Os emblemas ressaltaram enquanto contributos negativos da comunicação não-verbal na integração, quer educativa, quer sociocultural dos imigrantes entrevistados. Parte desses signos, os que são comuns às culturas que se confrontam, são contributos positivos na medida em que são esclarecedores da mensagem veiculada. Os outros, não comuns, em ambos os contextos da análise, são geradores de confusão quando assolados pela diferença cultural, nomeadamente, no que às despedidas respeita. O contacto constante com uma realidade diferente da sua, neste aspeto, leva estes imigrantes a tomarem certos emblemas como seus e, em última instância, a aculturação deles acontece.

A cronémia foi abordada em duas vertentes: o tempo dedicado às refeições e o tempo de espera. O tempo dedicado às refeições foi detetado como contributo positivo da comunicação não-verbal, potenciando a integração de imigrantes em contexto sociocultural em Portugal, já que os portugueses dão muita importância ao tempo para as refeições que utilizam também para confraternizar. Isto para não falar dos benefícios que alguns consideram ter tirado da adoção deste uso temporal em ambiente familiar, o que lhes terá trazido benefícios para a sua própria estrutura relacional/comunicacional em família. Quanto ao tempo de espera, o estudo permitiu revelar que, regra geral, alguns dos imigrantes entrevistados constataam que os portugueses chegam atrasados, cerca de quinze minutos, aos encontros, quer no âmbito profissional, quer em ambiente de lazer. Dizem que os eventos começam tarde, que têm tendência a atrasar e a acabar muito tarde. Estes aspetos da gestão portuguesa do tempo nas relações interpessoais dos imigrantes com a comunidade de acolhimento, que alguns assinalaram, causaram-lhes alguns constrangimentos e dificuldades.

Também concluímos que a prosódia, especificamente ligada ao volume da voz dos portugueses quando falam, considerado elevado, é reveladora de diferenças culturais e exige adaptação por parte dos imigrantes que a referiram. Não raras vezes, estes imigrantes julgaram que estariam a ralar com eles, dado o volume da voz de quem falava. Após observação e análise de portugueses a comunicar entre si, aperceberam-se que aquele era o volume comum para a conversação. Embora, regra geral, os entrevistados falem mais baixo quando comunicam na sua língua materna, também este

aspecto sofre um processo de aculturação com o passar do tempo, levando-os a adotar esta característica, ainda que de modo inconsciente.

O aspeto exterior de alguns, como referiram, ligado ao vestuário, a adereços e a objetos pessoais, pelas diferenças culturais que apresenta, revelou-se um contributo negativo da comunicação não-verbal na sua integração, nomeadamente no contexto sociocultural, já que, por vezes, se sentiram diferentes e observados pelos portugueses. Tal facto levou-os a uma busca de nova identidade, adotando comportamentos, hábitos e costumes, àquele nível, característicos da comunidade de acolhimento.

Relacionado com o item anterior, o estudo permitiu identificar a cosmética enquanto contributo negativos da comunicação não-verbal na integração de algumas entrevistadas, visto que, como concluímos, as mulheres imigrantes se maquilham mais do que as mulheres portuguesas e, por vezes, aquelas sentiram-se à margem, em virtude de estarem maquilhadas.

Podemos, pois, concluir que alguns entrevistados consideram as mulheres portuguesas mais descontraídas com a sua apresentação pessoal, tanto ao nível dos penteados e da maquilhagem como também ao nível do vestuário. Igualmente, neste parâmetro, se dá um processo de aculturação: algumas destas mulheres imigrantes começaram a vestir calças de ganga, começaram a ter os cabelos mais curtos, por o considerarem mais prático, quase não se maquilham ou fazem-no de forma bastante discreta. Enfim, procuram assemelhar-se às mulheres portuguesas, ou seja, procuram a integração, moldando-se à realidade em que estão inseridas.

Conclusões

Por tudo o que ficou dito ao longo deste trabalho, podemos afirmar que os contributos positivos da comunicação não-verbal se sobrepõem aos contributos negativos encontrados, isto porque, ainda que os contributos negativos sejam em maior número, devido a um processo de aculturação referido pelos entrevistados, são rapidamente ultrapassados e, por conseguinte, a integração acontece, quer no contexto educativo, quer no contexto sociocultural. Certamente que por outros motivos, mas também porque a sua integração é de tal forma autêntica, durante as entrevistas, o esforço para recordar os contributos negativos da comunicação não-verbal na sua integração se revelou difícil, sendo de ressaltar, contudo, que estes fenómenos de natureza não-verbal

acontecem, bastantes vezes, ao nível do inconsciente. A consciencialização das diferenças culturais por parte da maioria dos investigados obrigou-os a um processo de recordação difícil devido ao já longo tempo de estada em Portugal. Os entrevistados, de uma maneira geral, sentem-se tão integrados nos contextos analisados que começa a ser difícil para eles identificar aspetos da sua cultura e aspetos adquiridos da cultura portuguesa. Tanto assim é que começa a ser difícil identificá-los quando estão rodeados de portugueses. A aculturação ganha terreno, contribuindo para a integração desses imigrantes.

Referências Bibliográficas

- Bitti, P. R., Zani, B. (1997). *A Comunicação como processo social*. Temas de Sociologia. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Corraze, J. (1982). *As Comunicações Não-Verbais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Davis, F. (1979). *A Comunicação Não-Verbal*. São Paulo: Summus Editorial.
- Hall, E. (1994). *A Linguagem Silenciosa*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hall, E. (2005). *A Dimensão Oculta*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Mira, A. R. (2003). Primeira Impressão Tida do Professor – Aspecto Não-Verbal – E Processo Pedagógico – *Tese de Doutoramento*, Universidad de Extremadura, Instituto de Ciencias de la Educación, España.
- Pease, A. & B. (2006). *Linguagem Corporal – Porque é que os homens coçam a orelha e as mulheres mexem na aliança*. Lisboa: Bizâncio.